

As pluralidades e singularidades das Cidades Mundiais

Paula Nora ¹

Faculdade Anglo-Americano, Caxias do Sul

Resumo: As conseqüências da globalização refletem-se nos âmbitos econômico, social político e cultural, em diferentes localidades do planeta, com maior ou menor intensidade, de acordo com o nível de desenvolvimento de cada região. Essa nova ordem produziu o que convencionou-se denominar de cidades mundiais. São regiões urbanas compactas, que se configuram por possuírem uma intensa conexão no que se refere às finanças, ao controle de produção e a difusão do mercado. Esses arranjos, apesar de sua complexidade, podem ser favoráveis para que sejam reforçados traços identitários de determinados grupos sociais. Este artigo pretende sistematizar como se configuram as cidades mundiais, com o objetivo de discutir a possibilidade de valorização das singularidades, produzidas à partir da pluralidade dos agenciamentos vividos nesses espaços.

Palavras-chave: globalização; cidades mundiais; grupos sociais; identidade cultural.

1 Introdução

A dinâmica contemporânea, na qual a chamada *era globalizada* estaria definitivamente consolidada, traz consigo diversas alterações na estrutura de diferentes nações e no cotidiano de seus indivíduos. Entre elas, pode-se observar a aparente redução espaço-temporal, o maior e mais intenso trânsito de informação, a diluição das fronteiras comerciais e o aprofundamento dos contrastes escassez *versus* abundância, inclusive dentro de um mesmo núcleo urbano.

As transformações econômicas, o aperfeiçoamento dos meios de transporte, a facilitação das relações por meio de tecnologias integradoras, entre outras variáveis, provocaram um novo tipo de arranjo urbano, as chamadas cidades mundiais. Essas cidades podem ser identificadas, *a priori*, quando possuem um nível de domínio e poder em relação às demais cidades do globo. Segundo Ianni (1996) elas se marcariam por ter

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul – UCS (2003). Mestre em Turismo pela mesma instituição (2009). Foi consultora, no Projeto Economia da Experiência, do Ministério do Turismo (2010). É Coordenadora Acadêmica e do Bacharelado em Turismo da Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul. Atua como Expert do Laboratório da Cadeia da Enogastronomia, no Projeto COCAP URB AL III, da União Europeia. E-mail: paulanora@cipnet.com.br

predominância política, social ou cultural, porém, só excepcionalmente são determinadas por apenas uma dessas funções.

Dentro dessa problemática, este artigo pretende sistematizar como se configuram as cidades mundiais, identificando suas principais características, dentro da dinâmica contemporânea, em que a globalização se estabeleceu, com o objetivo de discutir a possibilidade de valorização das singularidades, produzidas, justamente, à partir de sua pluralidade.

2 Globalização

Analisar a globalização é refletir sobre um processo não só de âmbito econômico, mas também, político, social e cultural, gerador de uma aproximação entre as nações e os indivíduos, em maior ou menor escala, dependendo de numerosas variáveis. Essa aproximação decorre da rapidez da transformação e da velocidade da informação no mundo contemporâneo e, como consequência, dá-se a percepção do espaço como diminuído. Quando se reduz o tempo de percurso do território, tende-se a perceber a distância entre dois pontos como menor. A globalização está sustentada na interação e interdependência, bem como, na formação de uma cadeia global.

Além disso, seu avanço traz consigo mudanças drásticas, também, na forma de organização mundial, em processos que, na atualidade, tendem a parecer irreversíveis e inevitáveis, tornando as relações mais velozes e eficientes.

De acordo com Friedman, esse sistema chamado globalizado não é apenas uma tendência efêmera. Possui sua própria lógica, pois “trata-se do sistema internacional abrangente que modela as políticas nacionais e as relações internacionais de praticamente todos os países” (2001, p. 29). O autor considera ainda que, esse sistema “não é estático, mas um processo dinâmico e contínuo: globalização envolve a integração inevitável dos mercados, dos países e das tecnologias, com uma intensidade sem precedentes”. (FRIEDMAN, 2001, p. 31).

A difusão do capitalismo de livre mercado, a abertura das fronteiras, a privatização, a desregulamentação da economia e as tecnologias integradoras são algumas das características marcantes desse processo. Os países perceberam que seria indispensável expandir seus mercados, reforçando o parecer econômico neoliberalista. Trata-se de

uma política econômica que tem o intuito de deslocar o Estado da posição de principal agente ordenador, fragilizando a sua presença e a sua atuação.

Algumas das mudanças, hoje vivenciadas, têm sido aceitas com certa tranquilidade pela sociedade. Todavia, outras, se mostram polêmicas, pois, não raro, a proposição de mudanças é encarada como árdua, diante do quase inevitável medo que o ser humano possui do desconhecido. Nesse sentido, a aceitação da globalização também passa por esse caminho, com avanços e recuos, com maior ou menor presença da sociedade envolvida, nesse processo. Na visão de Friedman, a globalização é uma realidade, produto de uma evolução social.

A globalização não é uma escolha. É a realidade. Hoje existe apenas um mercado global, e a única maneira de crescer à velocidade desejada pelo seu povo é por meio do aproveitamento dos mercados globais de ações e títulos, da busca de empresas multinacionais que invistam no país, e da venda da produção das suas fábricas no sistema comercial global. E a verdade mais elementar sobre a globalização é a seguinte: Ninguém está no comando (2001, p.132).

Os processos implícitos, decorrentes da globalização, que atingem diversas áreas, em diferentes graus, dependeriam diretamente do estágio de desenvolvimento de cada região. Na informatização, porém, a globalização é mais facilmente reconhecida, por meio da rede mundial de computadores, capaz de aproximar, em tempo quase real, pessoas situadas em locais diferentes do globo, possibilitando, em princípio, um fluxo de informação com uma força jamais presenciada anteriormente, desde, é claro, que estejam conectadas ao espaço virtual.

Diante dessa realidade, verificam-se também os aspectos complexos provocados ou intensificados pela globalização. Entre eles destacam-se o aumento da concorrência árdua e ferrenha entre as empresas, a problemática do respeito às diferenças culturais e a não distribuição equitativa da renda mundial, como era propagado pelos neoliberalistas. Da mesma forma, pode-se destacar o receio das nações em se impor diante dos grandes mercados constituídos, o que, em alguns casos, seria fundamental para a manutenção da ordem político-social interna dos países.

Para que haja maior entendimento sobre esse novo sistema, é preciso uma análise multifocal e multidimensional. É necessário considerar uma mescla de perspectivas, olhar o mundo sob diversos ângulos e cruzá-los para que se amplie a probabilidade de compreensão dos acontecimentos ao redor do planeta. A velocidade com que a

globalização abrange o mundo é, provavelmente, maior do que a capacidade que boa parte das comunidades possui de compreendê-la.

Nesse sentido, acredita-se que a sobrevivência da diversidade cultural pode contribuir para o alcance de um mundo plural onde as comunidades sejam capazes de manter sua identidade, consolidando seus valores, hábitos e costumes, bem como a forma particular de desenvolver suas atividades. No entanto, isso não significa imutabilidade ou cristalização. Ao contrário, cada grupo, em princípio individualmente, para uma posterior coletividade, é possuidor de uma cultura peculiar, que será modificada na direção que os valores e crenças de seus participantes forem alterados e vice-versa. Trata-se do efeito das ações e dos relacionamentos inter e/ou intragrupal, vivenciados pelos indivíduos enquanto parte integrante de um sistema social dinâmico, em maior ou menor escala, variando em cada comunidade. Para Santos:

O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre os quais ele influi. (2003, p. 96).

Sendo assim, o grande desafio do momento contemporâneo, seria atingir uma estabilidade prudente, que permita a manutenção das identidades locais, respeitando-se as diferenças. É preciso que as múltiplos grupos sociais estabelecidos, dentro ou fora das cidades mundiais, não se sintam ameaçados, caso contrário, aumenta-se a probabilidade de diluição das suas características marcantes, a diminuição do seu senso de pertencimento e, conseqüentemente, a não valorização de suas marcações simbólicas.

3 Cidades Mundiais

As cidades encontram-se situadas entre a geografia e a história, são o efeito do movimento que se dá entre as relações sociais, econômicas e políticas, além das manifestações e produções culturais. Em seu interior se produzem e reproduzem ideologias, vocações, ciência e arte. (IANNI, 1996). Para Ferrara, nelas “a relação histórica se dá com o presente, não com o passado e este caráter determina a complexidade da relação entre história e uso urbano” (2009, p. 122).

Cidades mundiais, ou globalizadas, são assim chamadas por se tratarem de regiões urbanas compactas, de número limitado, porém, com uma intensa conexão no que se refere às finanças, ao controle de produção e a difusão do mercado. É nelas que o núcleo de decisão e poder está inserido, demarcado por áreas criadas pela economia global. Dois fatores distintos e, algumas vezes, paralelos, contribuem para a expansão dessas cidades. O primeiro refere-se à tecnologia da informação que, como já mencionado, conecta diferentes regiões em tempo quase real. O segundo, às cidades que possuem caráter prioritariamente financeiro.

Percebe-se, cada vez mais fortemente, a necessidade de ligação econômica desses núcleos urbanos com os demais pólos do mundo, visto que, sua dinâmica se apóia nos vínculos das relações de interdependência. As organizações transnacionais exercem um papel fundamental pelo domínio do espaço mundial, mas esse domínio, por mais que seja apresentado como desterritorializado, possui sua sede em alguma *cidade mundial*.

A globalização, assim, é notada com maior clareza nas metrópoles, devido ao diversificado e contínuo entrelaçamento de numerosos tipos de relações. Nelas, se globalizam, inclusive, as pessoas, os modos de vida, as imagens e os conceitos. Decorrente desse processo acontece, com maior ou menor intensidade, a divisão transnacional da produção, a informatização, a mudança na disposição da classe operária e, finalmente, a criação de cidades globais que, por sua vez, também são receptáculos de diferentes influências econômicas e socioculturais.

A conseqüência é uma cidade plural, possuidora de peculiaridades provenientes de várias regiões. Em um mesmo local encontram-se sinais de traços pertencentes a uma mescla de culturas, condensados em um mesmo espaço. Ferrara afirma que “não se pode pensar ruas, praças, avenidas, passeios, casas ou prédios como elementos autônomos, mas como fatores de um conjunto”. A cidade é, portanto, o efeito “da atividade do conjunto que dinamiza suas estruturas, e se denomina contexto urbano” (2009, p. 119).

Fica evidente que o mecanismo da cidade é altamente mutável, de movimentação ininterrupta, transformada constantemente por pessoas que, no entanto, muitas vezes, não têm consciência desse processo.

Por ser complexa a assimilação do disparo incessante de informação e significados, a população pode criar uma vida paralela, virtual, desprovida de um contato físico

significante. Como efeito, verifica-se a incapacidade de produzir reação, adquirindo e acostumando-se com o hábito da inércia. Para Ianni como a cidade “se organiza, funciona e transforma de acordo com processos dos quais o indivíduo pouco sabe, este se perde ou assusta-se, defende-se ou isola-se”. (1996, p. 81).

Em contrapartida, há os que respondem, responsabilizando-se pelo uso da cidade. Imaginam e sugerem perspectivas capazes de promover o seu melhoramento. Analisam-na criticamente, questionam e estabelecem alternativas que possam ser inseridas, modificadas ou criadas para o aproveitamento de práticas dentro do seu contexto original.

O cenário é ambíguo, pois depende da maneira como cada indivíduo o interpreta em um dado momento. Para ser legível, necessita ser observado através de modelos mentais, que são as lentes através das quais as pessoas enxergam o mundo. É a forma como cada um percebe a realidade a sua volta, o resultado de experiências, mitos, crenças, processos educativos, enfim, de agentes culturais que tornam cada ser humano único na sua capacidade diferenciada de perceber e interagir com o ambiente. Ele pode ser reforçado ou alterado, de acordo com as vivências individuais e a forma pessoal de respondê-las.

Por meio dos modelos mentais é possível que o indivíduo se localize sócio e espacialmente para, a partir desse ponto, sair do estado de inércia rumo a um engajamento capaz de transformá-lo em agente produtor de ações, sentimentos, sensações e criador de expectativas e realizações.

O meio exerce um papel fundamental, pois é capaz de moldar as capacidades individuais, fortalecendo algumas e enfraquecendo outras. Logo, por intermédio de variáveis como valores, educação, experiência pessoal, influência externa, entre outros, as pessoas estão propensas a criar e recriar os modelos existentes. Fica claro que não se trata de algo estático, ao contrário, é um processo dinâmico que possui uma lógica de funcionamento.

A cidade, assim como outros sistemas, é um emaranhado onde os atores colaboram ativamente, conscientes ou não, através de seus olhares, seus gestos, suas palavras, sua participação e, até mesmo, sua ausência ou renúncia. Cada indivíduo apresenta potenciais e limitações próprios. Essas diferenças tornam cada um possuidor de uma atribuição, voluntária ou não, no coletivo. Todos os símbolos que nela circulam são

capazes de a transformarem e, ainda, de serem transformadas por ela. Esses signos variam conforme influências culturais de cada um dos sujeitos individuais, que formam a coletividade. Conforme Ianni é,

(...) um laboratório complexo, vivo e tenso, no qual tudo se experimenta, tudo é possível. Aí tanto se afirmam e reforçam como se debilitam e apagam convenções e barreiras, realidades e ilusões. Praticamente tudo o que é possível a nível da sociedade pode manifestar-se, imaginar-se ou realizar-se na cidade (1996, p. 86).

Nesse viés de entendimento, é preciso, portanto, que se pense a cidade como um organismo vivo, complexo e mutável, cujas representações são resultado da experiência humana, num espaço em que os elementos se comunicam. (FERRARA, 2002, p. 96).

É nesse contexto, percebida como uma grande sinfonia harmônica e descompassada, concomitantemente, que se percebe a produção extraordinária instaurada pelo todo. É o coletivo que faz cada cidade, única. É justamente a sua pluralidade, que a torna, singular.

4 Identidade Cultural

A cultura pode ser entendida como a totalidade de padrões, crenças, hábitos, costumes, valores e normas aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano, como parte integrante de uma determinada sociedade. Os valores referem-se a conceitos abstratos, enquanto as normas são definidas explicitamente com o intuito de reger o comportamento de uma comunidade no que tange o que é permissível ou moralmente proibido na vida social. De acordo com Durham in Arantes a cultura é “um processo através do qual os homens, para poderem atuar em sociedade, têm que constantemente produzir e utilizar bens culturais. Esta é a única forma pela qual podem organizar a vida coletiva” (1984, p. 28). É um conceito de difícil definição, pois não se refere ao modo como as coisas são feitas, mas sim, em como a coletividade pensa na maneira de o fazê-lo, na racionalidade que se encontra por trás das ações coletivas. Ela pode ser considerada como os conhecimentos que um homem, como parte integrante de uma sociedade, pode adquirir e repassar, por meio de seu poder de memória e racionalidade, para as gerações futuras. Segundo Barretto,

a capacidade de produzir e entender símbolos é, provavelmente, a característica mais distintiva dos grupos humanos, tanto em relação as outras espécies humanas quanto entre os diferentes grupos humanos existentes (p. 19, 2007).

Trata-se de uma característica fundamentalmente humana, pois apenas os seres racionais possuem habilidade de refletir sobre sua própria realidade, desenvolver uma memória coletiva e, ainda, guiar as ações respondendo às suas necessidades e desejos. É um sistema complexo, ordenado e sincronizado.

A cultura é, também, o efeito das opções eleitas pelo ser humano para ordenar e dar sentido a vida em sociedade, dentre inúmeras escolhas que poderiam ser feitas, conscientes ou não, para a realização de uma mesma atividade.

Sob esse prisma, o conceito de identidade cultural se refere às representações individuais e coletivas, construídas por marcações simbólicas geradas, estabelecida e compartilhadas por um determinado grupo, por meio da vivência cotidiana. São os elementos que caracterizam um grupo, através de seu modo de ver, pensar, agir, falar, e, ainda, as representações simbólicas geradas à partir dos agenciamentos vividos. Barretto fundamenta:

O conceito de identidade implica o sentimento de pertença a uma comunidade imaginada, cujos membros não se conhecem, mas partilham importantes referências comuns: uma mesma história, uma mesma tradição. (p. 96, 2007).

Para Barth (1998), "grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação, realizados pelos próprios atores e, assim, têm característica de organizar a interação entre as pessoas" (p.189, 1998). Refere-se à análise da auto-percepção da coletividade em relação a si própria, no que diz respeito a suas raízes e história, seu presente e, ainda, as possibilidades futuras, juntamente com os valores intrínsecos a essa comunidade. Para este autor a identidade é entendida sob o prisma das relações sociais estabelecidas entre comunidades, sendo também,

um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar as suas trocas. Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada, esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações (Barth, 1998, p.182).

Paradoxalmente, a identidade implica, igualmente, à diversidade com alguma coisa, necessitando ser passível de comparação. Assim, Barth (1998) teoriza o tema através do conceito de fronteira étnica. Para ele, as identidades são afirmadas nas diferenças, no paralelo entre variáveis distintas e, não, nas semelhanças.

O sentimento de pertencimento a um grupo, dessa forma, faz sentido quando os seus membros se deparam com elementos distintos, que diverge do seu modo de executar determinada atividade. A identidade, portanto, é reforçada na comparação, fazendo-se análises em relação à outras, através da identificação das oposições existentes entre elas, não havendo o enfoque nas semelhanças visíveis e palpáveis. O autor sustenta, ainda, que a identificação acompanha, numa dialética, a diferenciação.

Vale ressaltar que o fundamental para este tipo de estudo não está situado nos traços culturais particulares e específicos de determinados grupos ou comunidades, mas, sim, nas divergências presentes nos sistemas de códigos que faz um grupo afirmar sua identidade na diversidade de características existentes, em relação ao outro.

5 Os Grupos Sociais estabelecidos nas Cidades Mundiais

Analisadas pelo prisma da globalização, as cidades mundiais estão consolidadas com base em dois aspectos principais. O primeiro deles, refere-se à redução do espaço geográfico. O segundo, ao o paradoxo abundância *versus* escassez, existentes nesses núcleos urbanos. Para Sassen

a globalização econômica contribuiu para uma nova geografia da centralidade e da marginalidade (...) As cidades globais tornam-se locais de imensa concentração do poder econômico, enquanto aquelas cidades que outrora foram grandes centros manufatureiros passam por um declínio desordenado (1998, p. 154).

Esse processo globalizador, baseado no excepcional desenvolvimento tecnológico, ocasiona a diminuição das fronteiras espaço temporais colocando uma determinada parcela da população em contato com pontos distantes do local onde vivem. A informação pode ser difundida, em tempo bem próximo do instantâneo, provocando uma sensação de encolhimento do espaço físico. Ianni considera que,

(...) a informática e as telecomunicações jogam um papel importante no processo de mundialização, acelerando ritmos, generalizando articulações, abrindo novas possibilidades de dinamização das forças produtivas, criando meios rápidos, instantâneos e abrangentes de produção material e cultural (1996, p. 70).

Os limites e as fronteiras vão se tornando menores, pois a tendência aparente é a convergência de processos e sistemas, proporcionada pelo avanço da tecnologia. Quando a rede mundial está à disposição da população, é capaz de mediar contatos entre culturas e modos de vida diversos, expandindo a possibilidade de encontro e, às vezes, confronto com o distinto.

Observa-se que esse desenvolvimento cibernético reduziu, mesmo que aparentemente, a configuração planetária, produzindo uma reorganização espaço-temporal. A difusão da informação, ainda que não por igual, reduz o tempo e suprime o espaço. Friedman conclui que, “ao reduzir o mundo a dimensões menores, a globalização exhibe em todos os lares o quanto se está na vanguarda ou na retaguarda”. (2001, p. 89).

Juntamente com esse arranjo populacional e, agora, podendo definir-se mais claramente as semelhanças e as diferenças com outras culturas, presencia-se, em escala ampliada, opostos como: pobreza e riqueza, beleza e feiúra, desgraça e virtude, sujeira e limpeza, entre tantos outros aspectos antagônicos.

A globalização possibilitou a reunião desses contrastes, em maior amplitude, em uma mesma cidade. A reorganização das formas urbanas gerou um número cada vez maior ou, pelo menos, em maior quantidade populacional, de guetos e subúrbios. Percebe-se, neste ponto, que da mesma forma que a globalização possibilitou a disseminação da informação; afastou, ainda mais, as minorias dos grandes eixos, do coração das cidades. Pode-se constatar que esta realidade muito tem a ver com o crescimento desvairado e desequilibrado dos núcleos, por meio de acentuadas migrações, geradoras de uma maior concentração urbana e desprovido de políticas de planejamento capazes de organizar esse sistema. Como resultado, observa-se a formação de aglomerados cada vez mais próximos geograficamente e cada vez mais distantes econômica, social e culturalmente, dos centros.

O quadro que se verifica é, provavelmente, a situação mais antagônica em um mesmo arranjo populacional. A riqueza e a pobreza exacerbada, agora, moram lado a lado, em um mesmo aglomerado urbano, chamado de cidade mundial. O luxo e a miséria são participantes, não com a mesma intensidade, todavia, de um único pólo urbano.

Sob essa ótica, antes do advento globalizador, se verificava mais fortemente a miséria nos países pobres e a fartura nos países ricos. Mediante as cidades mundiais, observa-se que os antagonismos estão, neste momento, convivendo bem próximos, em um mesmo núcleo urbano, independentemente da condição geral do país em que a cidade está inserida.

No entanto, por outro lado, justamente nesse cenário crítico, pode haver espaço para o fortalecimento das representações simbólicas marcantes, compartilhadas pelos diferentes grupos sociais, nela estabelecidos. Se é na diferença que os principais traços culturais são reforçados, o quadro atual, mesmo verificando-se toda sua problemática e complexidade, pode ser capaz de reforçar e valorizar essas identidades.

6 Considerações Finais

As cidades mundiais foram e estão sendo formadas mediante um novo arranjo urbano, devido à influência direta do processo globalizador e das consequências dele decorrentes. Entre os seus principais aspectos, destaca-se, aqui, a problemática relativa à variedade de signos, que circulam nesses espaços. Mais do que o presenciado até então, observa-se, nesses arranjos populacionais, a multiplicidade de símbolos, advindos das peculiaridades dos indivíduos de diversas regiões que, agora, os compõem e, ainda, aqueles que são acessados por meio das tecnologias. Soma-se a exacerbação de antagonismos, como o luxo e a miséria, que causam um distanciamento, cada vez maior, em âmbito econômico, político, social e cultural.

No entanto, se por um lado, essa ordem pode provocar conflitos culturais e distanciamentos; por outro, pode ser capaz de criar certos grupos sociais, que acabam por se unir, quando percebem que compartilham elementos comuns, fortalecendo suas principais características, justamente, quando em contato com o distinto. A pluralidade, percebida nessas cidades é, portanto, composta por uma imensa gama de singularidades, apresentadas por meio dos agenciamentos vividos pelos indivíduos, nesses espaços. As cidades, nessa ótica, são entendidas como receptáculos de significados circulantes que, concomitantemente, alimentam e são alimentados pelos que dela se utilizam.

Sob esse prisma, acredita-se que essa configuração espaço temporal, apresentada nas cidades mundiais, pode fazer com que os seus integrantes, se percebam e se reconheçam

como pertencentes à certos grupos sociais. À partir dessa consciência é que as pessoas tendem a se responsabilizar pelo uso e pelas práticas desenvolvidas nos seus espaços, apropriando-se de sua própria cultura, que neste momento, é marcada por novos símbolos, gerados e estabelecidos, dentro desse arranjo populacional. Como resultado, pode-se produzir uma sociedade composta por membros mais atuantes, tolerantes e conscientes de seus papéis individuais, para o desenvolvimento do coletivo.

Talvez, dessa forma, posicionados enquanto grupos sociais, haverá a possibilidade de uma reaproximação, ainda que tímida, entre os subúrbios e o centro das cidades mundiais.

Referências

BARRETTO, Margarita. *Turismo e Legado Cultural*. 3ª ed. Campinas – SP: Papyrus, 2002.

_____. *Cultura e Turismo*. Campinas – SP: Papyrus, 2007.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e Suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 187-227.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

DURHAM, Eunice. In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.) *Produzindo o Passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984. Texto II. p. 23-34.

IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 1996.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Design em espaços*. São Paulo: Edições Rosari, 2002.

_____. *A Estratégia dos Signos*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.

FRIEDMAN, Thomas. *O Lexus e a Oliveira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *O Mundo é Plano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SASSEN, Saskia. *As Cidades na Economia Mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.